

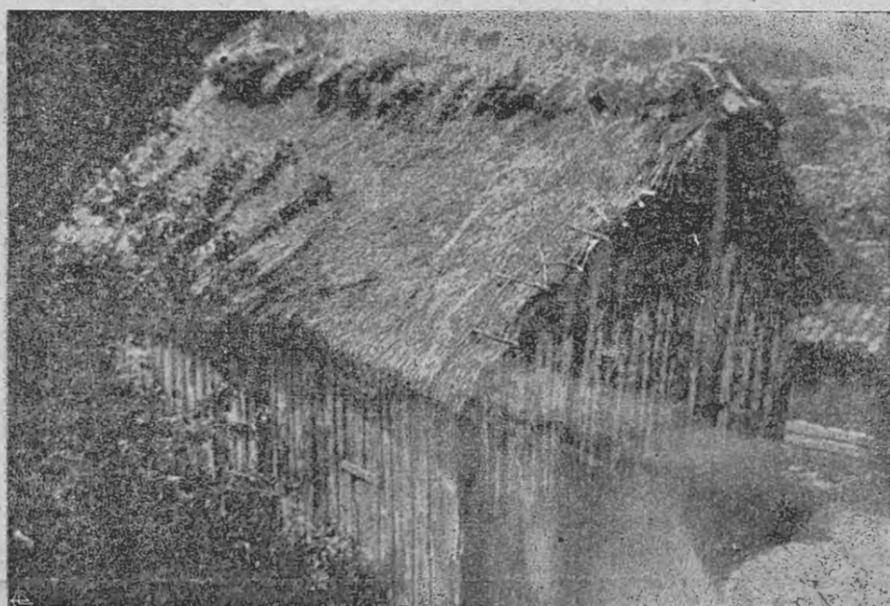
Gaiato

Visado pela
Comissão de Censura

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO VIII N.º—195
Preço 1\$00

CONTRASTES



DANTES. *Em seu género, esta barraca é perfeita, tanto por dentro como por fora. Ali habita uma família. Paga renda. E nós, até agora, teno-nos conformado!*

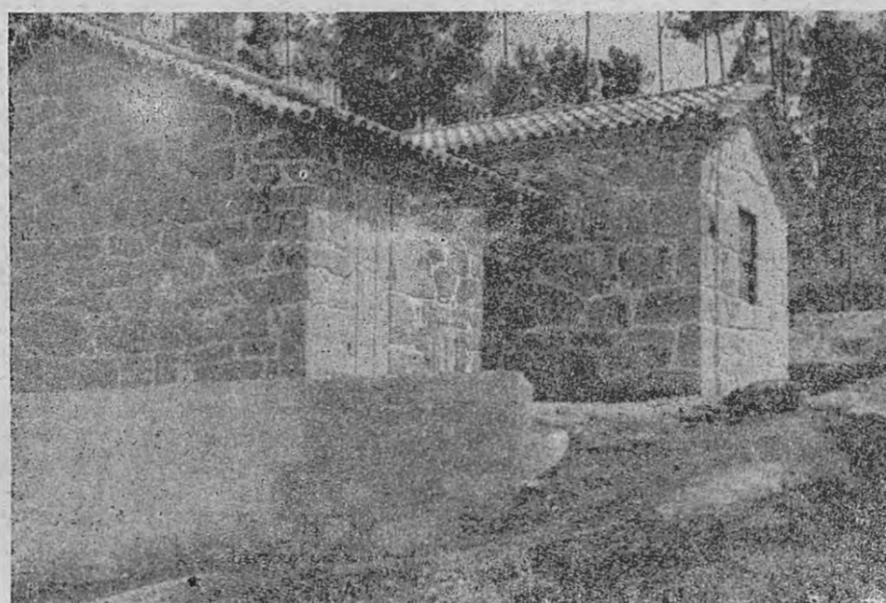
EM vez de apor a tabuleta, gravava-se, antes, no cunhal de cada uma, a legenda *Património dos Pobres*. Que formosura! Lê-se a distância. As letras são fundas. Aquela dedicatória, cheia de luz, vinha dentro de uma carta, de procedência ignorada. Alguém é responsável e neste momento, exulta, necessariamente. Se o pode fazer, venha a Paço de Sousa, pergunte pelo lugar de Esmegilde e ali, na berma da estrada, veja o facho em cada uma das casas; elas são quatro. Um nadinha mais acima, vê mais três, iluminadas. A dois quilómetros de distância, no lugar do Outeiro, e freguesia de Galegos, mais seis. Sempre em frente, na freguesia de S. Miguel de Paredes, duas. *Património dos Pobres*. Temos hoje mais um farol em Portugal.

Não aceitamos, mas nem por isso deixamos de agradecer a todos quantos responderam à placa. Não se calcula o número de artistas e fabricantes que nos responderam! Mármore, ferro, cerâmica, todos os materiais. Todos se ofereceram para dar as cem placas!

Nós não sabemos neste momento se o Governo da Nação, por algum dos seus ministros, tencio-

na auxiliar a Empresa das Cem Casas. Esperamos que sim e até já pedimos. Nós temos de usar todos os meios lícitos e humanos. Estão em causa mil e duzentos contos.

Não sabemos, mas prosseguimos *in Nomine Domini*. O começo desta obra nasceu dum caso muito sério e muito grave; e esse ca-



AGORA. Três elementos são necessários e bastam, para construir casas assim. Primeiro, o estado de penúria involuntária e imerecida em que vive o Indigente. Segundo, a devoção dos que podem. Terceiro, a transcendência da Justiça. O mais vem por acréscimo.

so basta para garantir o exito final. Foi assim: o mestre d'obras veio ter comigo, muito aflito da sua vida, porquanto um dos seus operários lhe fora declarar que ia fugir de casa e abandonar os filhos, por falta de trabalho e de pão. Eu escutei. Foi uma tarde de inverno. Chovia. *Todos esperam pelo verão, diz o mestre. Neste tempo ninguém quer obras, continua.*

Já há muito que eu trazia no peito o segredo das casas; porém, a notícia que acabara de ouvir foi um preceptante. O caso não era para menos. O pedreiro desconhecido, queixa-se da fome dos seus filhos; a dele não a sente... Alto lá, meus senhores! Cautelal Parece que a gente não devia fazer caso destas lamurias; que importa mais um? Ele há tantos assim! Mais. Nenhum deles tem voz. Nenhum deles tem força. Qual deles foi jamais aos parlamentos? E quem os deixa! Quem vamos, pois, temer?

Temo eu. Não é do homem; é da justiça que eu tenho medo. E' da justiça que eu espero tudo. Esta cartilha está certa. Quem ler por ela não vai errado. O mestre d'obras, logo no dia seguinte, deu trabalho ao homem e os seus filhos, mais ele, comeram pão. Eis.

CAMPANHA DOS CINQUENTA MIL

O Avelino já reduziu um pouco o monte de listas que tinha sobre a sua mesa de trabalho. Já reduziu, e daí o número de queixas está reduzido automaticamente. Mas as listas continuam. Hoje recebem os 104 cartas e 19 registos. Não são todas a pedir o jornal, mas dentro duma grande parte delas vem a lista de novos assinantes. O assinante 16.034 de S. Paulo quer saber e pede que se publique aqui de como há-de fazer a remessa do dinheiro. É muito simples. Primeiramente ler o jornal de ponta a ponta. A seguir, passá-lo a um amigo que faça da mesma sorte e finalmente, sabendo de um portador capaz, mandar por ele cruzeiros. Muitos cruzeiros. Um mundo deles. Eles são de papel. Uma vez chegados às minhas mãos, eu comunico ao Avelino afin de ele dar baixa, e depois vou ao senhor Cândido Dias que me dá escudos em troca e com eles, escudos, compro melões. Ora aqui tem o meu querido assinante de S. Paulo, como as coisas se passam. Esta notícia vale para todos quantos vivem na mesma indecisão.

Do nosso mundo ultramarino, nunca estivemos tão perto como agora. Uma grande dezena das cartas hoje recebidas, eram de lá. Traziam por selos peixes, flores e passarinhos. Oh beleza! O Avelino disse-me há dias que esta formosa coleção que ele tanto adora, tinha sido feita na Litografia Nacional. Tem-me faltado tempo, mas logo que possa hei de passar por lá e dizer-lhes o que sinto e o que Avelino sente. Mais me disse o Avelino, na maré, que outras colecções são encomendadas lá fora. Deu-me pena. Mas vamos ao que importa. Hoje era tudo peixes, passarinhos e flores e as cores mais vivas. Dentro das cartas eram cheques com listas e eram saudações. Uma das cartas era de Tete. Tet! Cinco portugueses daquela cidade, começam agora a ter mais saudades de Portugal com a leitura do «Famoso». E marchamos prós cinquenta mil.

UM PEDIDO

Desde que me conheço, nunca foi preciso comprar máquinas de costura para nenhuma das nossas casas. Ora o Carlos Inácio, do Lar de S. João da Madeira, tendo eu ali ido em serviço, quis-me acaçar quatro contos. Eu resisti e disse que se fosse remediando por mais algum tempo...

Vamos a ver. Portugal não é um país pequeno. Nós precisamos apenas de uma unidade. Será bom que, antes de alguém se lembrar de nós, não compre nem mande sem nos perguntar se já temos. Eu tenho medo das cheias. Elas arrastam. Há muita gente que morre de fartura. Vamos a ver.



Aqui, LISBOA!

Estamos a chegar aos cem. No papel, a operação é muito fácil de fazer: basta acrescentar um zero ao número dez com que esta Casa começou; na cozinha com dispensa, no refectório, na escola, na rouparia, a operação é bem mais difícil; no santuário da alma, de cem almas onde tudo estava por fazer, onde a rua tinha já feito os seus estragos, mais melindrosa é ainda a operação. Aqui o trabalho é essencialmente divino. Esse elemento felizmente nunca falta.

Outro tanto se não diz da cooperação humana. Vem aí as férias. Metade da cidade de Lisboa retira, e cá ficamos nós desde o primeiro de Janeiro ao último do ano, com dias de vinte e quatro horas, cheias todas elas, para receber, guiar, elevar e sustentar cem rapazes que as ruas de Lisboa nos confiaram.

Além disso as obras continuam no mesmo ritmo. Fiéis ao nosso programa, procuramos primeiro instalar os homens, agora vamos aos animais. E não se diga que é desperdiçar. Os animais são os nossos melhores colaboradores na regeneração dos rapazes.

Dai a necessidade de lhes dar instalações adequadas.

Se não fosse aquele artigo da nossa Constituição que veda a aceitação de heranças, nós podíamos estar a esta hora multimilionários, sem necessidade de incomodar ninguém.

Mas onde estaria o mérito? Onde o sacrifício? O sangue dos humildes que nos ajudam? Onde a alegria de contribuir para o pão que uma criança come?

Ora bem; então antes de retirarem da Capital, bom seria que os nossos amigos passassem pelo Montepio ou mandassem alguém, entregar um recado para esta Casa.

Foi assim que fez uma algarvia com 1.000 e uma indigna criada com 20, e um casal saloio com 50 e a K. L. M. com 50, a Companhia de Seguros Fidelidade com 100. Outro tanto fizeram vários anónimos e outros Senhores e Senhoras de nomes bem conhecidos. A Alice faz o mesmo todos os meses, no que é imitada por M. A. S.

Os Empregados da Vacuum e da Nestlé continuam a dar a lição de persistência e pontualidade. Logo nos primeiros dias do mês aí está o vale ou a nota de crédito do Banco, acompanhada dum palavrinho amiga. Isto repete-se há cinco anos! Os visitantes vão aumentando. Muitos aparecem em espírito de peregrinação. Vai no quarto ano que aqui vêm aprender a última lição do ano, vários alunos da Faculdade de Ciências.

A sua conta mantém uma sopa para crianças pobres junto da Faculdade. Tenho também visto Finalistas de Medicina e Médicos recém-formados a prestar assistência voluntária na Curraleira.

São verdadeiros valores, para a Nação, estes doutores que assim tão bem principiam a sua vida profissional.

Uma inundação foi a visita dos Cicloturistas do Sporting. Todos os adeptos receberam uma bola e o distintivo e a Casa viu as mãos calejadas de alguns abrirem-se generosamente.

Mais um saco de açúcar e 1.000 da Senhora dos bois, 500 doutro visitante e várias notas de todos os tamanhos de outros visitantes.

Mil da Covilhã para os pobres, 200 de Coimbra para a minha pobre, e 50 para os pobres das tocas, de um assinante; um cheque de mil, de Lisboa. Foi realizado, meu Senhor, o seu piedoso desejo; 50 para sufrágios, 50 da promessa de uma criada; 50 em vale; 50 em carta; mobílias, de Bucelas, que a forgonete foi buscar; mais mobílias, lenhas do B. de Portugal e da Fazenda Pública que muito alegraram os cozinheiros e os padeiros. Mais embrulhos de roupas

usadas, calçado e três pneus. A proposta: se alguém tiver disponíveis sapatos desses de 525x16 e 550x16 mande, que fazem jeito. Uma libra em ouro, dez litros de azeite.

100, na Avenida, para uma pedra e 20 para outra.

Nós temos sete pedreiros a levantar paredes. Trezentas pedras daquelas não chegam para cada semana.

Finalmente um relógio de pulso, nos Correios, para o Octávio e outro, algures, para o Chocha.

Se alguém vir, na Rua Augusta, dois rapazinhos a acertar o seu relógio pelo do Arco, fique sabendo que estão ali os homens mais felizes do mundo.

P.º ADRIANO

Tribuna de Coimbra

Hoje vai a secção dos curiosos, dos que crêem e dos descrentes, dos que esperam e dos desesperados, dos que louvam e dos indiferentes, dos que amam e dos insensíveis.

Num dia de grandes apertos chegam quinhentos deles do Brasil. Quem não acredita na Providência? E a seguir vem um saco de arroz de Coimbra e quem o entregou em vez de dizer o nome, disse que em breve viria um saco de batatas. Quem há aí que fique indiferente? E roupas usadas da mesma terra; e cinquenta de lá também; e duas de vinte e dois carros de lenha. Os nossos chamam a quem os deu a nossa mãe de Tábuas. Que nome tão belo e tão bem empregado!...

E mãe e filha que visitaram o Lar e deixaram um embrulho para o gentil menino... Eu também gosto muito dele. E deixaram também jóias e roupas e bolos e coisas para os pobrezinhos. Ai que grande paixão a do amor à criança de ninguém!

E eu que fui a Mira e trouxe 250\$00; e de Cernache vinte com pena de não poder dar mais. E de Lisboa cinquenta dum subscrição para uma coroa de um colega nosso. Que boa oração! E uma lata de azeite de Coimbra; e um senhor que de muito amigo e generoso nos deixou agora mais duzentos e a companhia vinte; e de um assinante, além da assinatura, vinte para o mais pob e da Conferência. Custou a entregar por não saber qual o mais pobre. E as meninas da escola de Celas com a Senhora Professora deixaram 73\$50 da sua pobreza; e visitantes com cem; e deles com vinte e grão e bolos. E uma de Coimbra que não sabia o nome quando deixou cem; e uma galinha e um galo da Índia da Senhora dos pincaros. Esta senhora é uma apaixonada por nós. Bendita paixão! E a Intendência que mandou entregar-nos 4kg de carne apreendida. Também lá nos conhecem. E muitas sapatilhas de uma loja de Coimbra. E fui chamado ao Distrito de Reserva para receber 60\$00 de dois rapazes que os deixaram em depósito quando deixaram a Pátria e agora queremos oferecer-lhes à Obra de Assistência do P.º Américo em Coimbra. E o senhor oficial que mos entregou, com satisfação afirmou: veja a grandesa da Obra, para estes rapazes lá de tão longe se lembrarem assim dela. Eu fiquei todo babado e pensativo.

E um de Coimbra que vive com uma mulher que pela Igreja não é sua, mas que quer fazer bem e entrega ao seu pároco quinhentos e diz que vai pensar na sua situação. Como Deus entra nas almas por estes caminhos!

PADRE HORÁCIO

Desta vez foi o Armando; o Armando Alfredo. Foi ele quem me pediu e eu fiquei todo contente por lhe ter feito a vontade. Isto de visitar o pobre em qualquer lugar que seja, faz parte do nosso programa educativo; aquele que já é bom, torna-se melhor. Armando Alfredo tem hoje a passar de vinte anos. Tem sido muito difícil. Tem tido penosos castigos. Pois bem; de muitos deles que têm ido ao Barredo, nunca nenhum chorou tanto como ele! A primeira, foi ao pé dum catre, de onde uma rapariga nova nos de tiava a sua vida dolorosa. Ao pé, também da mesma doença um rapaz novo marido dela, dizia-nos como passa. O Armando ouvia de olhos rasos. Eu cuido que era a mocidade padecente, que o fazia assim chorar. Cá fora disse-me que não sabia; que por muito me ver e ouvir não suspeitava tanto. Atravessamos a Ribeira e fomos ao Muro dos Bacalhoeiros. Eu levava na algibeira uma carta de chamada e era tudo como lá vinha. Esta classe de pobres não mente. Os de chagas postiças, sim. Entramos. Conversamos. Mais lágrimas, muitas lágrimas. O rapaz escondia a cara e limpava os olhos com o lenço. Nunca tal lhe sucedeu aqui em casa. Ele é o primeiro em tudo. Ele é um cabo de arrojão. Ele atira-se às coisas e aos companheiros. Ele tem ouvido sentenças verdadeiramente penosas. Mas não sei bem porquê, o Armando Alfredo ali chora. Nunca o vi tão formoso! Nunca tanto prometeu! Armando há-de ser um homem.

Mas o dilúvio estava para vir; elas caíam em bica. Tantas e tais que eu também chorei! Foi no Postigo do Carvão. Entramos numa sala. Em cima da mesa um candeeiro e este aceso. A luz dele comia restos de comida, mãe e dois filhinhos. Ela levanta-se da mesa. Durante os breves minutos em que connosco falou, não de xá nunca de tossir... As duas crianças, apegadas às saias da mãe, mostravam ter comido pouco e olhavam para as minhas mãos...

Elas andam no Dispensário, disse a mãe. Ora eu antes queria. Dispensas. Mas não foi bem aqui que o Armando chora. Ele não compreende anomalias, quando elas parecem a regra. Não tem idade para isso Não tem di cernimento. Aqui não chorou. Vai fazê-lo agora.

O candeeiro, por mortiço, alumia pouco. Eu pedia à mulher e ela espreitava. Armando olha em redor e ouve alguém a tossir. Abri uma porta interior. Era uma mulher, vendedeira ambulante e agora não. Está o candeeiro. As paredes salitradas, deixavam cair escamas. O ambiente era de náuseas. Conversamos um bocado. Ela pede-me que lhe faça a luz mais pequena, que o petróleo é muito caro. Numa porta a seguir e nas mesmas condições, era um barqueiro. Um outro cubículo era dum carrejão. Tínhamos espreitado três candeeiros que por momentos mostraram o mal que nós pretendemos esconder; e de novo ficou em cada sítio a luz mortiça; as trevas que a maior parte dos homens amam. A mãe dos pequeninos, que nunca deixaram de tossir, levanta a mão e a voz para me dizer ainda ali há outro. Nisto, sinto as mãos possantes do Armando a cair sobre os meus ombros: *Pai Américo, não. Em não posso mais.*

Estávamos agora no largo da

Barredo

Ribeira. Já ali não há cão nem gato que nos não conheça. Armando, puxa dos apontamentos que tomara dentro daquele casebre, sobre a renda de cada habitante. Somamos; deu 420\$00. Quer dizer; hoje, vive algures um homem ou uma mulher que recebe aquela soma por deixar viver ali, cada em seu quarto e nas condições expostas, homens, mulheres e crianças! Eis a nossa condição.

Isto faz doer a alma. Eu acho que não é preciso deixar os da nossa carne em semelhantes tormentos. O Porto já começou. O Bairro da Corujeira é documento.

Ele foi riscado e construído por nós; não veio nada de fora, ao menos que eu saiba. Foi com o nosso dinheiro. Com a nossa técnica. Ora sendo assim, porque não continuar com mais «Corujeiras»? Porque não se faz de toda a escarpa do Barredo uma obra semelhante, se nós já começamos e estamos colhendo os frutos; porquê?

Aquele povo não seria cruelmente consumido pelo vício e pela doença. O Armando não chorava mais. Haveria menos especulação com a senhora miséria.

Parecendo que não, o Bairro da Corujeira culpa-nos. Se já fizemos um cesto e são necessários mais cestos, porque não havemos de ir ós cem—cem cestos? Na minha simples e modesta opinião de visitante de pobres, eu digo e aconselho que na agenda pública, seja este o primeiro ponto. Fiquem sabendo gregos e troianos que é impossível que Deus não ajude a Seu tempo e a Seu modo, todos quantos ajudam o Pobre a libertar-se da miséria. Isto é uma verdade eterna. Tudo quanto se diz, passa; isto fica.

AINDA A MORTE DO ZÉ DA COZINHA

Chico das pombas, aparecera de véspera num combóio da tarde. Chegada a hora em que devia regressar, mandei chamar por ele e perguntei se queria ir ou ficar. Ele não respondeu. Perguntei se tinha ordens do seu Patrão. Ele não responde. Que o combóio ia partir, que só tinha 10 minutos e que dissesse. Chico não fala. Era o coração a dizer... O silêncio é a palavra do coração! Dai a horas, assistia à morte do seu irmão! O coração dizia-lhe...

Os do Lar do Porto vieram em peso e fizeram aqui, na capela, o seu turno. O caixão mal se via, de tantas flores! Um formoso e artístico ra no de cravos, oferta do Patrão do Chico, foi por este conduzido e ficou na sepultura. O Carlitos das casas, também irmão do Morto, esse espalhou um cestinho de flores na terra do cemitério. Pais,—não estavam! Não vivem. Nenhuma dor, nenhuma lágrima, nenhuma flores,—nada suprel!

De forma que, em nossas casas, até a morte é preciosa! É uma despedida. Quem parte leva saudades; e deixa saudades.

Eu no Tivoli

Foi naquele dia, em Lisboa. Os jornais fartaram-se de dizer, nas vésperas do acontecimento, o que levou a casa a encher-se de leitores de O Gaiato. Não foi, portanto, a presença nem a eloquência nem nada. Foi o que o Famoso diz.

A capa do P.º Adriano, não chegou. Mandaram pedir a minha. Muito para cima de 40 contos!

Benedictus Dominus Deus Israel.

PELAS CASAS DO GAIATO

LAR DO PORTO Foi no passado dia 16 a 17 que cinco rapazes da nossa Conferência foram encorporados na Grande Peregrinação Nacional Vicentina em Concentração em Fátima, onde se concentraram perto mil Vicentinos.

Eles foram de todos os cantos de Portugal e até da Madeira e de Moçambique agradecer a Nossa Senhora de Fátima o carinho que a todos nos tem estimulado e pedir-lhe mais forças para continuarmos na tarefa que vimos desempenhando, em prol dos nossos irmão pobrezinhos.

Foi um grande acontecimento que se revestiu de grande brilhantismo, tendo apenas a triste notícia a não comparencia do nosso querido Presidente do Conselho, Sr. Dr. Alberto Pinheiro Torres, por se encontrar doente.

Do programa salientamos além dos actos religiosos, a Assembleia Vicentina na qual usaram da palavra o Sr. Dr. Manuel Saiches, confrade do Porto, e o Sr. Dr. Manuel Malheiro de Oliveira, Vice-Presidente do Conselho Particular de Lisboa, e Sua Ex.^a o Sr. Bispo de Cízico.

O primeiro focou algumas realizações que levadas a bom termo, os pobres lucrariam muito, como seja: um sanatório para os pobres; um tributo de todos os armazenistas e retalhistas que dando um quilo de arroz ou outros géneros, somariam uns quilos, que seriam distribuídos pelos pobres. O confrade de Lisboa focou o auxílio do Estado, o Cinema e a Rádio ao serviço das Conferências, e os vicentinos que administrando a catequese, atraíram os jovens a fundarem mais conferências e a difundir o Espírito Vicentino.

Por último falou Sua Ex.^a o Sr. Bispo de Cízico que exaltou o feito e enorme êxito que o Farrapeiro de S. Vicente de Paulo tem vindo a fazer em prol dos pobrezinhos, e a construção de casas para pobres que o nosso Pai Américo está a fazer em Paço de Sousa.

Enfim. No fim, resume-se em fazer bem, mais e melhor em prol dos desprotegidos da sorte. A viagem correu sem incidentes e todos se portaram à altura de prestigiarem a conferência que representam.

A nossa conferência anda um tanto esquecida talvez por falta de notícias, e digo esquecida porque foram poucos os que se lembraram durante o tempo que não se mandou notícias para o jornal.

É do conhecimento de todos o que gastamos por mês, e é do conhecimento geral que recebemos há pouco cinco contos. Pois amigos estamos falidos. Os cinco contos já lá vão e talvez por julgarem que estamos ricos, não nos deram durante este interregno, qualquer donativo que nos entusiasmasse. Nós somos a mocidade e por tal andamos sempre para a frente; mas sem munhões, que devemos fazer? Entusiasmo e ardor não nos falta, mas tem que haver algo que nos dê força, bem no sabei caros leitores.

Esperamos que nos ajudem para assim continuarmos, pois os pobres estão a aumentar e os bilhetes de prego chovem de todos os lados. Os confrades a todas as reuniões apresentam bilhetes deste ou daquele, pois não podem passar sem comer e quando não há dinheiro vão as coisas para o prego.

Certo que não nos abandonareis, dou por terminada esta crónica de hoje, esperando a vossa generosidade.

CARLOS VELOSO DA ROCHA

S. JOÃO DA MADEIRA De facto como estava delineado, realizou-se uma das nossas maiores ambições. A inauguração da Conferência. A data estava prevista para o dia 24 de Junho, mas por motivos inesperados foi-nos de todo impossível. Eis um desses motivos. Não sei se é do conhecimento de alguns dos leitores, aqui em S. João da Madeira existe uma conferência feminina. Nós ainda não tínhamos procurado pobres, mas ignorávamos que os mais necessitados eram socorridos pelas Bondosas Senhoras Vicentinas desta afamada terra, e então nos dirigimos à sua Tesoureira, que nos recebeu amavelmente. Expusemos-lhe os motivos porque ali íamos, e ela sinceramente concordou. Dissemos-lhe que íamos organizar uma conferência, e que para iniciarmos precisávamos pelo menos de três pobres. Apesar desta região ser um pouco frequente em pobres, é bastante auxiliada por esta conferência feminina, e por outras circunvizinhas. A Srta D. Amélinha depois de pensar um pouco, deu-nos um pobre que mora próximo do nosso Lar.

No dia seguinte (sábado) fomos logo à sua casa, onde nos dirigimos facilmente. Encontramos Estavam em silêncio com Deus! Começamos por cumprimentar o pobre e sua irmã com quem vive. O pobre mostrou-se contente com a nossa presença. A irmã já de certa idade, mostrou-nos logo a casa e a comida que naquele momento estava preparando para ele. Olhe é um caldinho, com umas batatinhas, e depois um cafézito. O pobre é paraplético, e consequentemente está de cama. A irmã também esteve doente sete anos. Cama totalmente vazia, onde possuem apenas dois cetros e duas camas, que nem se deviam chamar por este nome. Quando os visitamos pela segunda vez, o pobre e ela estavam um pouco descontentes. Possivelmente admitiremos mais dois pobres, os quais já foram designados pelas Vicentinas da Conferência de S. João da Madeira. Como vêm caros leitores, surgiu mais uma confe-

rencia no firmamento da nossa Obra! Para que ela se torne grande e consiga grandes progressos precisamos do vosso amparo, da vossa generosidade. Por exemplo: planta-se uma árvore. Essa árvore quando começa a tomar contacto com a terra, começa a ser alimentada cuidadosamente, e dentro de anos está uma árvore gigantesca! O mesmo sucede com a nossa Conferência. Agora está a nascer, e daqui a anos, ou até meses está verdadeiramente feita. O que me resta dizer é o seguinte. Precisamos de mais subscritores porque os que actualmente temos ainda não chegam. Se por acaso aí houver umas roupinhas usadas, não se esqueçam: Lar do Gaiato de S. João da Madeira, porque é imensamente necessário.

JOSE MARIA SARAIVA

PAÇO DE SOUSA O Valete que é o chefe da casa II, andou muito triste por ver que o jardim da sua casa andava muito maltratado. Mas o jardim agora já nem parece o mesmo: graças ao «Pintarrocha» e ao «Valete». Eles trabalham na tipografia, onde já são dois prometedores tipógrafos. Logo que acaba o trabalho, agarram em sacholas e vão tratar o jardim. Mas agora para ficar bonito, falta-lhes o melhor; que são as plantas. Era isso que eu aqui pedia ós senhores. O Sr. de Castromil já nos tem dado muitas mas não queremos estar sempre a maçar.

Os senhores que se lembrarem de atender a este pedido era favor mandar em nome de Cândido Pereira (Valete), porque senão o Rodrigo e o Moléstia e C.^a, acaçam-lhas todas e o Valete fica a ver navios.

O nosso grupo de futebol no dia 3 deslocou-se ao Marco de Canavezes, para aí fazer um desafio.

Logo que desembarcamos, estavam à nossa espera alguns dirigentes do grupo, que ofereceram os seus automóveis para levarem alguns jogadores até ao campo. Quando chegamos à vila, fomos muito bem recebidos. Estavam à nossa espera uma banda de música e uma multidão de pessoas. O jogo principiou às 4 e meia tendo a nossa equipa alinhado com: Bartolo; Constantino, Durães e Manuel; Prata e Sérgio; Jacinto, Armando, Carlos, Gari e Santa. O jogo decorreu muito equilibrado. Ambos os grupos jogaram de igual para igual. Todo o encontro foi jogado num ambiente de amigável camaradagem, nada havendo que indispuzesse o público. O desafio terminou com o resultado de 2-2. Os nossos tentos foram marcados pelo Carlos e Gari.

No final a Direcção do grupo ofereceu-nos uma merenda, que bem nos soube. Entregaram também ao Sérgio 200\$00 para pagar as despesas da deslocação.

Por fim regressamos a Casa, muito contentes com o amável acolhimento que nos dedicou toda a população do Marco de Canavezes.

Já cá temos mais dois cachorrinhos. Foram uns senhores de Manteigas que os mandaram. Eles são todos branquinhos e muito lindos. O Constantino é que toma conta deles. Ele às vezes leva-os para o quarto e deixa-os dormir em cima da cama. Já lhes pusemos os nomes de Sultão e Valente. O Constantino disse que lhes ia dar muito comer, para eles quando forem grandes, serem fortes e valentes.

Este ano não fizemos a nossa costumada festa de S. Pedro, por nos ter falecido o José de Pinho Ferreira — o antigo Zé da Cozinha. O mal começou-lhe por umas dores numa perna que de princípio se não ligou importância. Com o andar do tempo as dores foram aumentando, obrigando-o a ficar na cama, por já não poder andar.

O médico verificou então, tratar-se um cancro, pelo que ordenou que se decesse a perna, para cortar o mal pela raiz. No entanto de nada valeu; pois o mal já tinha espalhado muitas raízes pelo corpo. A parte mais atacada foram os pulmões, que atacado pelas raízes, o foram asfixiando aos poucos. Os últimos dias que passou entre nós, foram de uma agonia a toda a prova. Morreu no dia 27 de Junho pelas 3 horas da manhã Paz à sua alma.

Já começaram os exames. Os da 3ª classe eram 11 e ficaram bem. Agora faltam os da 4ª classe. Vamos a ver se não aparece nenhuma raposa...

Amigos leitores eu faço anos no dia 23 deste mês. O que vier eu cá recebo e muito agradeço. Como já não sou menino, os senhores não mandem relógios de lata. Se fosse um de dar horas isso então era o fim do mundo. Fico esperando.

Para terminar vou dizer uma coisa aos senhores. É que o nosso bom Pai Américo anda sempre a dizer que gostava muito de ter música no quarto dele. E nós muito tristes andamos por não lhe podermos valer. Já lhe temos dito para ele dar as coroas para a música. Mas ele diz sempre que não tem dinheiro. Como estão a ver só os nossos leitores é que nos poderão valer. Nem que seja um rádio dos pequenitos. Nós só gostamos que ele ande contente e para isso falta a música.

FERNANDO MARQUES

MIRANDA DO CORVO Os exames dos nossos já principiam; e 8 já passaram para a 4ª classe. Restam agora que os da 4ª façam também os seus nos quais esperamos que sejam bem sucedidos. Os alunos que entraram para a 4ª classe são: o Tira-olhos, o Carequita, o Barbeiro, o Marreco, o Manuel dos olhos, o Pião, o Saloia, e o Monarca que este ano andou a estudar as duas classes 3ª e

4ª e temos esperanças de dar também bom resultado.

Há dias foram a Coimbra vender o famoso alguns rapazes daqui e à vinda para cá o Pascoal ficou um pouco assustado quando o revisor lhe perguntou: quantos anos tens menino? Tenho 13. Então tens de pagar bilhete inteiro e faltam ainda 2\$50. Então mais assustado ficou. O revisor passou-lhe o bilhete inteiro de 5\$00 e disse-lhe que fosse procurar o resto do dinheiro. Então vai ter com um companheiro seu e disse-lhe: olha o revisor disse-me que faltavam 15\$00. Era tal o susto que em vez de dizer que tinha de pagar 5\$00 disse que faltavam 15\$00. Acompanhavam-nos alguns visinhos que lhe disseram: mete-te aí debaixo rapaz olha que ele faz-te descer do combóio abaixo. Ele nem sequer olha para trás, e põe-se debaixo do banco parecia uma bagagem e assim veio até cá. Quando já perto, parecia o revisor estar a adivinhar e não saia dali, só quando chegamos à estação é que o revisor saiu e assim ele aproveitou para sair também e quando se apanhou cá fora, à pernas para que te quero e desata a fugir pela estação fóra dizendo já lá vai as peneiras.

CARLOS MANUEL

TOJAL No dia 10 do mês passado, estiveram cá uns senhores do Sporting todo o dia conosco. Para nos destrairmos, fizemos um desafio de tutebol entre os quais alinhámos: Preto, Tarzam, Entroncamento, Caveira, Mendonça, Ernesto, Pedro, Marques, Fala-Barato, Pé-Leve e Simões. Mas nós perdemos, e a razão é muito simples: porque eles eram homens e nós rapazes de vermos a bola a passar e não lhe tocamos muitas das vezes, e foi também derivado a não termos botas de jogador, por isso comemos dois a zero. E um dos senhores prometeu-nos uma bola, e já cá a veio trazer. Um dos Sportingistas que foi corredor de bicicleta esteve a contar-nos coisas maravilhosas que tem visto pelo nosso lindo Portugal. Foi neste transporte que vieram a maior parte deles, e nele regressaram à tardinha para a Capital do Império, deixando-nos muito alegres por esta visita que nunca mais nos esqueceu.

No dia 16 de Junho, saímos daqui de casa quatro vicentinos no nosso *prefect* guiado pelo Pedro que é o nosso presidente. Saímos daqui às quatro horas da tarde e chegamos a Fátima às oito e cinco. Logo que chegamos, ao arrumar o nosso carro, encontramos o sr. Padre Manuel que está agora como Prior de Cantanhede. Descemos e fomos cumprimentá-lo. Muito gostamos de o ver porque ele era muito nosso amigo.

Em seguida comemos o nosso farnel que o apetite apertava. Demos então uma volta à procura dos nossos companheiros de Coimbra e do Porto. Assistimos a todas as cerimónias; e comungamos todos juntos, e quando nos deitamos eram três e meia da manhã. Na reunião vicentina um dos oradores e o sr. Arcebispo de Cízico que é muito nosso amigo, puseram em relevo a necessidade de atrair os jovens ao espírito vicentino. É necessário que assim seja, pois os rapazes quando são bem orientados são capazes de fazer mais do que muitos homens. Foi para eles que Ozanam fundou as conferências. Tivemos pena de não ver lá nenhuma conferência de Rapazes representada. Fomos só nós os da Casa do Gaiato.

Pois se nós que viemos da rua podemos ajudar os nossos irmãos, os pobres, porque é que os rapazes dos liceus, dos colégios, das escolas, que são ricos não hão-de fazer mais ainda do que nós?

CARLOS ALBERTO LOPES

Notícias da Conferência da Nossa Aldeia

Na outra quinzena não houve grande movimento. Mas esta tudo compensou. É bom que os nossos leitores saibam que pagamos diariamente litros de leite a doentes; que pagamos mensalmente contas avultadas de medicamentos; que damos semanalmente 20\$00 a cada dos nossos pobres. O dinheiro ainda que muito exgota-se. Nós não reservamos; não é da índole das Sociedades de S. Vicente de Paulo. Sim; enquanto os saldos estariam inertes nos cofres clausurados dos tesoureiros, os nossos irmãos padeceriam nos seus leitões pela doença, ou à mingua.

Por isso, ajudai-nos. Se vem muito, muito se gasta. Se vem pouco sujeitamo-nos. São as contas que Deus faz e sempre batem certas.

Pois bem. Numá ida a Cabeceiras o Sr. Moutinho rapa de uma nota de cem, mais umas drogas anti-tuberculosas, tudo para a nossa conferência; foi um dia em cheio, que terminou em cheio! De Lisboa, alguém escreveu-nos uma carta um P. S. e claro segue 20\$00 para os pobres da vossa conferência; a ltra parece-me ser de uma leitora. Agora da Invicta 50\$00. Recomendando aqui aos senhores tripeiros muito cuidado; é o caso dos nossos amigos lisboetas estarem a acordar. Ora vejam: mai 200\$00 de uma assinante de Lisboa. Já nos tem valido em muitas aflições... E para terminar uma *indigna criada* lembrou-se dos seus irmãos e quer minorar as suas dores enviando-nos 100\$00! Também é de Lisboa. Cuidado!...

J. M.

Cantinho dos rapazes

O Cantinho de hoje, é feito desta carta que recebi, a qual dedico inteiramente a cada um:

Este grande pecador envia-lhe esta «Migalha» para os nossos Irmãos sem lar.

Em breve mandarei mais porque Deus me corrigiu (depois de muito lhe pedir, em orações improvisadas—pois não sabia rezar, mas, já sei) de um vício, que há anos era vítima e, me perdia, moral, material e fisicamente. A bebida.

Graças a Deus e ao vosso jornal estou curado.

A julgar pela letra, trata-se de um trabalhador que ganha o seu pão dia a dia. Vós estais dentro desta classe. Espera-vos no futuro esta situação. Estais-vos preparando agora para ela. Oxalá cada um de vós seja amanhã um trabalhador.

A doutrina da carta, é semelhante à que eu vos costumei perguntar, quando vos falo das nossas relações para com Deus. Gosto muito que *este grande pecador* confirme o que vos tenho dito. As verdades eternas, não são de maneira nenhuma um exclusivo dos pregadores do Evangelho. Elas são antes de todo o homem inteligente. A fala foi dada aos homens para este fim. A oração feita a Deus por este nosso amigo foi, como ele confessou, u na conversa improvisada. Improvisada e demorada: *depois de muito pedir*. Isto bite certo. Isto condiz matematicamente com a verdade; em qualquer das vossas obrigações, e durante os vossos trabalhos, e nas vossas caminhadas, podeis abrir conversa com o Pai Celeste. Nas vossas dúvidas, nas encruzilhadas, nas hesitações, podeis abrir conversa com o Pai Celeste. Nas tentações, que são de todo o momento e por toda a vida, isso então *deveis* abrir conversa com o Pai Celeste.

O nosso amigo como a carta diz, não sabia rezar: e aprendeu a fazê-lo pelo uso frequente da conversa improvisada com Deus. Isto quer dizer que as conversas improvisadas são a grande oração. Este no so amigo, via-se perdido por um vício de que era vítima e curou-se. Outra verdade de que é testemunha e dá testemunho. Para chegar a esta cura, o nosso amigo deve ter posto toda a sua boa vontade e isso é uma condição necessária. Mas não basta. Não há ninguém no mundo que se livre de vícios pelos seus próprios meios; é necessário algo mais, a Graça. Ora aqui está. E está p-de-se com gemidos. Assim o fez *este grande pecador*.

Meus queridos filhos, trabalhadores de amanhã, aqui vos deixo a lição dum trabalhador do Porto, que dantes não sabia e agora sabe rezar. Como aprendeu ele? Conversando com Deus. E porque conversava ele? Por se conhecer vítima de um vício. E como agradece a Deus? Fá-lo cristã nente; lembra-se dos seus irmãos sem lar! Isto é simplesmente maravilhoso. Isto é completo. Este trabalhador é mestre. Aprendei dele. A *Migalha* de 20\$ é para o *Património dos Pobres*. Cada vez é mais rico este nosso Património.

ISTO É A CASA DO GAIATO

Não sei se os senhores já sabem que nós temos uma Cooperativa. É verdade. Temos sim senhor. O Banco Espírito Santo, a estas horas, tem mais um cliente, que gira nos seus livros com o nome de Cooperativa da Casa do Gaiato. Júlio é quem assina. Foi, até, motivo de escândalo, quando Júlio se apresentou em casa dos fornecedores e rapa do livro de cheques e desatá a assinar: foi um escândalo. Mas os senhores não se escandalizem. Os senhores aceitem esta doutrina e compreendam todos que é preciso haver o escândalo antes de haver a escola.

Pois é verdade; temos uma Cooperativa. Tudo quanto o rapaz necessita em comprimento e largura, escusa de procurar fora. Tem tudo em casa. Manuel Pinto é o caixeiro. Em dias e horas certas, ele abre e a freguesia acode. Ora ontem foi um barulho que se não descreve. As vozes chegavam aonde eu estava. Desci e fui ver. Era o Piolho. Piolho tinha tirado o casaco e tirado a camisa e tirado a camisola; e tinha pedido ó caixeiro uma certa camisa para experimentar. Vestiu, não gostou e pediu outra. Tornou a vestir, tornou a não gostar e pede outra, e o barulho começou justamente na altura em que ele pede novamente a primeira da experiência. O caixeiro recusa. A multidão de fregueses levanta-se e eu venho encontrar uma geral amotinação com o Piolho no meio, de peito ao léu entre os fregueses. Entre os fregueses encontrava-se um, caixeiro no Porto, declarando, em alta voz, que vende muitas camisas a muitos fregueses e que nunca nenhum fez como o Piolho: o que todas as vezes aprovam. Por fim as coisas sossegaram, Piolho comprou; caixeiro fechou a porta e adeus até à primeira...

Ontem fiz um grande sermão sobre fruta; a fruta da nossa quinta. Prêguei as árvores, as folhas, a flor de onde o fruto nasce. A seguir prêguei a riqueza da fruta como alimento. Finalmente como tudo era um sermão feito à hora da missa, prêguei a abundância, e aqui, então, é que foi dizer. A capela estava cheia de gente. Os rapazes do fundo, são altos como traves; inteligências abertas à Verdade. Eu disse-lhes que a abundância da nossa fruta, somente seria uma riqueza se fosse igualmente repartida por todos; e que essa nossa abundância redundaria em grande miséria e revolta se fosse privilégio de alguns. Estavam ali duzentos homens a passar. Eu desenvolvi o assunto. Atirei-me ós monopólios. Eu falava do altar. Ai dos que ali não dizem a verdade toda...

No fim do sermão e por causa das moscas nomeou-se um guarda. É o Caçola. Se vierem à nossa quinta e virem um rapaz de braçadeira vermelha e um grande cacete nas unhas, não perguntem nada. É o Caçola.

Estes nossos rapazes, como podem fazer tudo menos pregar, fazem hortas. Aproveitam ribanceiras, arranjam sementes, plantam couves e fazem a sua horta. Isto acarreta naturalmente grandes sarilhos, por causa dos assaltos, e tudo vem ter aonde eu estiver. Mas eu deixo-me estar. Os sarilhos são próprios de quem tem filhos. Agora tem sido batatas. Têm chegado à cozinha grande quanti-

dade, delas, que trazem os mais crescidos das suas hortas mais cuidadas. Mas ultimamente têm vindo cestos das pequeninas hortas dos mais pequeninos. Eu sou chamado e verifico e alegro-me e mando entregar ó Botas. Agora o que eu não esperava é por isto que vou contar: saía hoje do meu refeitório e dou de cara com um grupo de miudos em volta de uma grande mesa de pedra que temos à porta da cozinha. Cada um tinha um prato à sua frente. Botas, tinha um grande tacho de onde estava enchendo o prato de cada um. Fossem só batatas, o mal não seria grande. Mas não. Eram também postas de bacalhau. Ora eu sempre ouvi dizer, que a ruína duma casa entra pela cozinha. E também quero que os meninos das hortas me venham dizer se acham bem que eu dê o terreno e a semente e o estrume e o azeite e o sal e o bacalhau e que eles comam as batatas e que eu fique sem nada. Sempre quero que me venham dizer.

Ontem foi o Botas. Hoje foi o Rodrigo. Aquele pediu-me para eu celebrar por alma de seu pai; fazia cinco anos que ele morreu. Este, fez o mesmo pedido, por alma de seus pais. Ou porque não tivesse feito convites, ou que os convidados não apareceram, a missa do Botas foi pouco concorrida. Poucos amigos; e mais ele tem figos. Sim. Ele é o segundo cozinheiro...

Quanto ao Rodrigo, foi uma quase enchente. Ele é alfaiate. Até o seu mestre compareceu.

Ora queiram os senhores ler esta carta e vejam de como metade do mundo vive e gravita e fala de nós:

«Para o rapaz cujo nome não sei por se ter estraviado o Famoso que tinhamos cá em casa e onde se falavam das aventuras dele e onde vinha o retrato dele, envio esta pasta de dentes para ele os trazer a brilhar sem ter que recorrer à pasta do Pai Américo. Acho muito interessante ele ter tanto gosto em trazer os dentes limpos mas é muito censurável ele andar a surripiar a pasta alheia.

Por um tempito não precisa de tal fazer e Deus queira que nunca mais o faça. Faço votos também para que ele assente e não ande de banda para banda sem saber onde estar melhor. Isso com o amadurecer passa.

Peço desculpa da insignificância da oferta. Para outra vez será melhor, se Deus quizer.

Felicidades para todos e para tudo. Muitas prosperidades para as vossas casas e Famoso.

Os meus humildes respeitos ao Padre Américo, a quem Deus conceda muita vida e saúde.»

A carta é de Lisboa.

Na mesma altura veio uma dirigida ao menino Piolho e dentro, começava assim: meu rico Piolho. Uma grande parte dos visitantes, costuma pedir aos cicerones que lhes indiquem o Piolho. Eles querem em todo o modo conhecer o rapaz. À minha pasta de dentes não tenho dado fé que ele tornasse a ir; nem agora precisa por um tempo. Mas a uma coisa que eu tinha aqui no meu escritório, que dei por mexida, acho que foi ele. Muito queria, e os leitores também, que ele amadurecesse, mas temos de esperar o seu tempo. Até lá, regozi-

jamo nos todos, por haver na Casa do Gaiato um rapaz inteligente e prometedor e esperemos que Deus o faça mais. Eu cá sou muito amigo do Piolho. Ele já deu fé e acaça-me muitas coisas. Vamos a ver.

Eu já disse aqui que nós temos dias de cem cartas e mais!

É o mundo das almas a vibrar com as coisas infinitamente pequenas. É a revolução dos nadas. Ora vejam esta: era uma carta do Porto dirigida à minha pessoa e dentro dessa folhas de papel. Papel de categoria, letra bem feita, estilo aprumado; assim deve ser o homem que a escreveu. Uma lauda, era para o *Tangerina* a quem se pedia um grilo: *quando vieres à quinzena traze-me um grilo*. Perguntei ao Moléstia, ali presente, se ainda havia grilos e ele respondeu que o *Tangerina* tinha três dentro duma gaiola e que na aldeia não havia mais nenhum. Transmissão de pensamento ou comunicação dos santos?! Vou pela quinta abaixo e dou com o *Tangerina*. Que sim. Que tinha três grilos dentro duma gaiola. Dei-lhe a carta e ele cumpriu. Hoje recebo um cartão do interessado, aonde se agradece o amável deferimento que deu à pretensão do grilo. Isto é muito importante. A matéria das cartas que nós aqui recebemos, é feita de coisas semelhantes... Os homens da nossa terra, andam esquecidos do que realmente são; — crianças! Crianças grandes e mui fáceis de seduzir. Andam para aí notícias nos jornais sobre a Coreia e a Pérsia e o Canal de Suez e a Rússia e tudo. Amedrontam mas não comovem. São contra a nossa natureza. Nós não fomos criados para estas coisas. Somos muito pequeninos. Nós gostamos mas é de grilos e de passarinhos e de flores.

Esteve há dias aqui um Religioso Franciscano, mestre de noviços da sua Província. No seu convento, lê-se o Gaiato de ponta a ponta. O Religioso jantou mais nós. Viu. Ouviu. Disse-me que costuma tirar de o Gaiato o assunto de meditação para os seus noviços. Eu ouvi e calei-me. Uma escola de noviços, é de alta formação espiritual. Impõe-se doutrina séria e funda. Naquele momento não poderia supor quais seriam no jornal os pontos de meditação. O Bernardino tinha mudado os pratos e trazia agora uma cesta com ameixas. O Religioso toma algumas e diz-me: *são grilos. E' dos grilos cantadores*



O Cisco

que eu faço aos meus noviços a meditação! Daqui tiramos nós a vacuidade das chamadas grandes notícias que vêm publicadas nos chamados grandes jornais. Nenhuma delas é de grilos e nenhuma delas serve para alimento das almas.

AGORA

Nós tínhamos ficado em 92.670\$ e agora vão aqui duas a par, uma de Coimbra outra do Porto, ambas com 100\$ cada. Vão caladinhas; é uma procissão. Logo atrás segue um caso importante; 500\$ de alguém que numa aflição recorreu a Deus, foi ouvido e cumpre a promessa; é do Porto. Coimbra apresenta-se com cinquenta. É mais trinta para a nossa procissão de um que *resa pelas iniciativas da Casa do Gaiato*. Ora isto é do que a gente precisa. Nada pode fazer o guarda da cidade, se Deus a não vigiar. Aqui é que está. Mais um tijolo de 20\$00. Mais um prego de 25\$ de Lisboa. Outra vez de Lisboa, 451\$ para o *Agora*. Outra vez Lisboa, para as casas dos nossos Irmãos Pobres 500\$.

Vai aqui Castelo Branco com 100\$ para a bela iniciativa. Castro Daire, enfileira com metade; é um advogado. Coimbra vai com 20\$. Alguém que nunca pode retribuir a felicidade de possuir uma casa mas que recebe de Deus a consolação de auxiliar os pobres Irmãos sem abrigo, vai aqui com modesta quantia. Grande prece! Os cristãos não sabem outra. Espinho vai com uma telha de 50\$. Os alunos da terceira classe do colégio Brotero, vão com 42\$ da sobra de um passeio. Mais uma prestação de 20\$. Vão agora doze operários de uma fábrica, em subscrição, com 75\$. Mais outra da Covilhã de 20\$. Mais da Moura Morta duas telhas de 50\$. Mais dez escudos da Maria Amélia. Mais cem de Carviçais. No Tivoli em Lisboa deram-me 400\$ para pregos. Também entregaram o primeiro aumento de ordenado. Também 500\$ de uma família que vai ter agora a sua casa. Também 200\$. Por último vai uma casa na procissão das casas. Os homens acreditam em mim e eu acredito neles. Não é bem neles. que eu acredito; eles são massa falível. Eu acredito mas é no toque da graça que aflige, até os próprios descrentes. *Sou um descrente apesar da minha avançada idade*. Assim escreve o cavaleiro que deixou ficar a casa no Espelho da Moda, 12 contos. Mas ele diz mais: *esta é a primeira de cinco que quero oferecer*. Mas ele vai mais longe: *é preferível dar em vida do que deixar em testamento*. Nisto sigo o seu conselho, escreve ele. Um descrente! Tão perto da Verdade! Tão anioso e tão faminto! Tão cheio de fé: *a sua Obra é um bloco de granito que resiste às tentativas para o derrubar*. Tão perto; tão pertininho, este Descrente...

É como este, — quantos deles! Está escrito. São as obras boas que levam os homens a dar glória a Deus. Mais nada.

Ficamos agora em.....108 deles